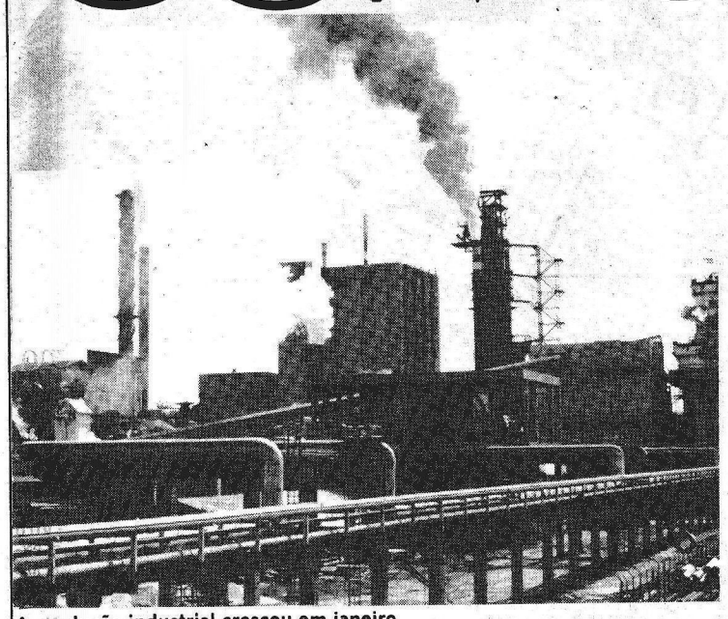
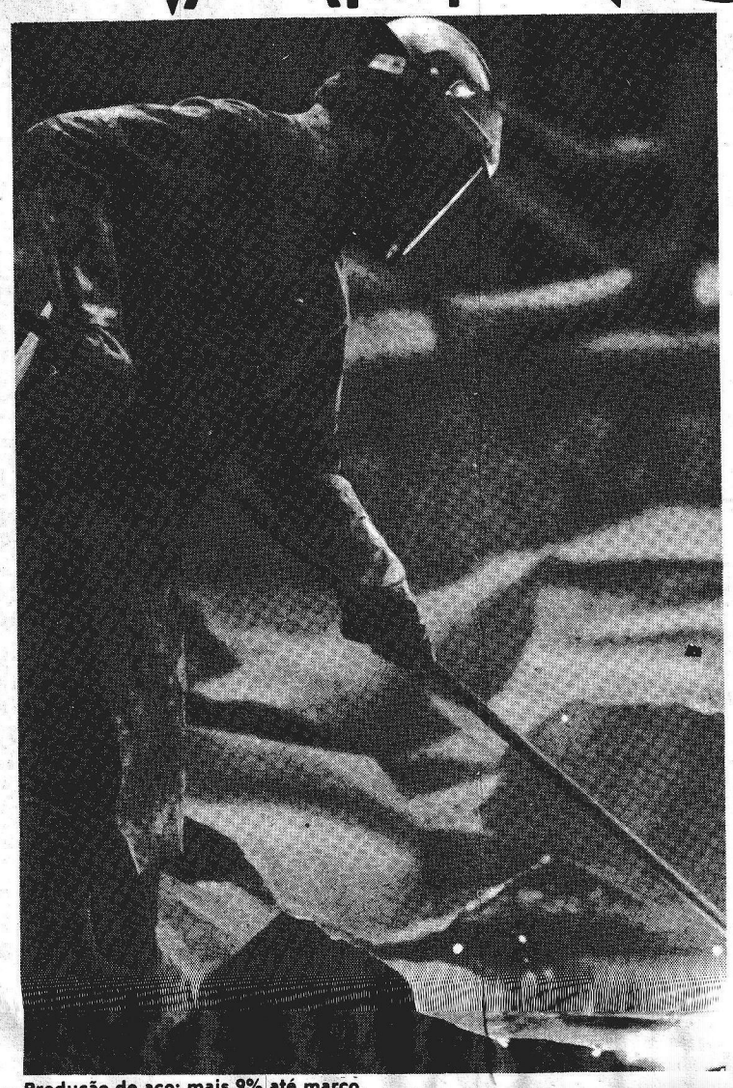
COMO VAI NOSSO PAÍS

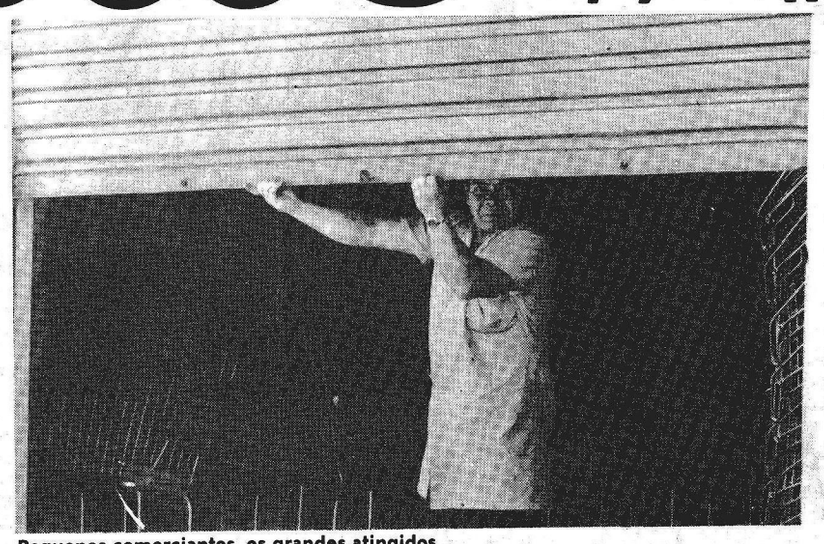


A produção industrial cresceu em janeiro

O emprego industrial aumentou ... 9% no trimestre



Produção de aço: mais 9% até março.



Pequenos comerciantes, os grandes atingidos.

Roupas vendendo b... bem. Principalmente nas liquidações.

A economia cresceu até agora. Quem aposta no futuro?

Os indicadores desmentem recessão no trimestre. Mas, por causa das incertezas causadas pelo Cruzado II, está difícil prever para resto do ano.

Encerrado o primeiro trimestre do ano, a economia brasileira já não mostra mais a pujança do ano do Cruzado, mas também não apresenta sinais de que caminha para o abismo. Nesse período - dizem especialistas em indicadores econômicos, a realidade tratou de desmentir as previsões catastróficas da iminência de recessão e de hiperinflação, feitas desde o pacote fiscal de 21 de novembro, o chamado Cruzado II, e no ritmo contracionista imposto à política monetária pelo Governo.

Tal como no período turbulento que a economia atravessou, as incertezas permanecem. Mas, se empresários da indústria e do comércio, bem como economistas das escolas de ponta do País, apostassem dinheiro ou prestígio nas previsões que faziam, teriam perdido. Para a indústria - falava-se em tom macabro — não era possível prever o que ocorreria depois de março. Para economistas, a recessão com hiperinflação era inevitável. Para o comércio, a queda violenta das vendas, no rastro da elevação dos juros e do avanço dos preços, precedia dias sombrios para a economia brasileira.

Para o economista Edmar Bacha, que até novembro integrou a equipe do Cruzado, a queda do ritmo de atividades era inevitável. "A produção industrial em janeiro ainda estava crescendo bem, devido à reposição de estoque. De lá para cá, qual terá sido a queda da produção industrial?", indagava ele, no início deste mês, em entrevista ao **Relatório Reservado**, uma publicação semanal de economia.

Mas no início da última semana, a Fiesp divulgou o nível de emprego de março, indicando que ele havia crescido mais ainda, totalizando um aumento de 9% no trimestre em relação à oferta de empregos no mesmo período do ano passado. Em março a indústria paulista empregava 2,1 milhão de trabalhadores, atingindo o mesmo nível que tinha antes da crise do início desta década. Também empresários do comércio surpeenderam-se com o reultado. Apostavam que havia caido.

O nível de atividades relativo a fevereiro será divulgado só após a Páscoa. Mas, o professor Antonio Lanzana, do departamento Economia da USP e que tem acesso às informações de conjuntura que chegam à Fiesp, garante: "Está crescendo o emprego, a produção e também se expandem as exportações". Ou seja, acrescenta ele, neste momento os indicadores não apontam para um quadro recessivo. É claro que há setores em dificuldades, especialmente o de confecções, que assistiu à criação de inúmeras empresas no ano passado, e o de móveis, que não pestanejou em acompanhar a escalada dos preços da madeira em pleno congelamento, e que é a sua principal matéria-prima.

Outra área em dificuldade é a do comércio atacadista. Atingido pelo desordenado descongelamento de preços e pelo aumento real das taxas de juros, que gravaram seus altos estoques, o comércio atacadista viu-se em apuros para se desfazer de suas mercadorias diante de um mercado consumidor em queda. O empresário Antonio Carlos Alves, diretor da "Alô Brasil", uma das maiores empresas atacadistas do País, já antevia essa situação em dezembro passado. Numa conversa com o ex-ministro do Planejamento, João Sayad, ele se mostrava preocupado diante do fato de manter um estoque de cerca de Cz$ 1 bilhão a preços da época.

Ritmo menor

Como as dificuldades não são generalizadas, há setores em que os empresários continuam sorrindo como na época do Cruzado. Um deles é o de papel e papelão. "Não estamos registrando nenhum sinal de queda da demanda", dizia, há pouco mais de uma semana, o diretor da Klabim e da Toga, empresas envolvidas com a produção de papel, celulose e embalagens de papelão, Horácio Cherkassky. A indústria de fundidos também vai bem daspernas. "Atéagora não registramos qualquer queixa no que se refira à queda de encomendas", afirma Fernando Siriani, secretário-geral da Associação Brasileira da Indústria de Fundição (Abifa). "Se isso acontecesse seriamos os primeiros a ser avisados."

É claro que a crise cambial cria problemas para o setor. Hoje há dificuldades para a importação de coque que, segundo Siriani, pode levar à paralisação de pequenas e médias fundições. Em função de contarem com baixo capital de giro, elas também trabalham com baixos estoques. A liberação dos preços é outro fator que poderia reduzir a demanda por fundidos, mas, até agora, o ritmo é de crescimento. A produção cresceu 2,8% no primeiro bimestre deste ano em relação ao mesmo período do ano passado.

O problema de importações, resultante da moratória da dívida externa, também afetou a indústria eletroeletrônica em março passado. "Mas o fluxo de importações já está se normalizando", garante Paulo Francini, assessor empresarial do Ministério da Fazenda. Isto está sendo possível porque os dólares que deveriam ser transferidos aos credores por conta dos juros reforçam a capacidade de importação da economia. "É um aspecto interessante da moratória", comentava, dias atrás, Eugênio Staub, presidente do Grupo Gradiente. A indústria de máquinas, por sua vez, contava em janeiro passado com encomendas suficientes para manter plena atividade por 25 semanas. Após a turbulência do período, assistiu-se à suspensão de encomendas apenas no ramo de máquinas agrícolas.

Desempenho da economia paulista no 1° trimestre de cada ano*

Indicadores	1983	1984	1985	1986	1987
Arrecadação do ICM(a)	- 2,1%	- 17,4%	12,5%	16,5%	18,7%
Vendas do comércio	1,7%	- 11,8%	7,0%	13,7%	3,2%(b)
Oferta de emprego na indústria	-6,64%	-5,35%	10,1%	7,5%	9,0%
Produção de aço	0,8%	42,1%	5,1%	1,1%	5,1%
Atividade industrial	- 1,2%	5,1%	13,9%	5,6%	10,9%(c)
Falências decretadas no Estado	529	421	577	280	129
Concordatas requeridas na Capital	88	110	45	27	101

*Base: mesmo período do ano anterior
a) Variação percentual deflacionada (fonte: Secretaria da Fazenda)
b) Taxa estimada (fonte: Federação do Comércio do Estado de São Paulo)
c) Último dado disponível relativo ao aumento da produção em janeiro

Os acertadores

Além do nível de emprego e da produção da indústria, cresceram no primeiro trimestre a arecadação do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias de São Paulo e a produção nacional de aço. "Isto é recessão?", indagava em manchete, na última quarta-feira, o editor-chefe do **Diário do Comércio e Indústria**, Aloysio Biondi. Se a aposta em previsões valesse um prêmio da loto, Biondi poderia aposentar a sua máquina de escrever. Não é a primeira vez que ele acerta a previsão, embora 1987 ainda esteja praticamente começando.

Em 1984, Biondi foi contra, quando os economistas do PMDB, exatamente os que hoje continuam formando a equipe econômica do governo, falaram numa recessão pior que a do ano anterior — e a mais drástica da história brasileira. Ele se baseou para rebater aquela previsão, na conjuntura internacional: começava a queda dos juros, a economia mundial voltaria a crescer e o bom desempenho da agricultura ajudaria tanto as exportações brasileiras como o aumento do consumo interno. No segundo semestre, de fato, a economia saía da recessão escalando um crescimento interrompido só agora com as trapalhadas na administração do Cruzado.

A conjuntura internacional voltou a pautar a análise do jornalista no final de novembro passado, ao se colocar contra as previsões de recessão e hiperinflação. A crise cambial brasileira, desta vez, encontrava um quadro internacional diverso daquele de recessão e alta dos juros existentes no início da década. Os países endividados, em crise, haviam parado de importar. O **buraco** em conta corrente do Brasil era de US$ 12 bilhões, dos quais apenas seis foram refinanciados. O governo arrochou os salários, gravou a indústria com mais impostos impedindo-a de investir e reduziu drasticamente as importações para elevar o superávit comercial.

Hoje, para Biondi, o quadro é outro. Além de o país ter reduzido de 750 mil barris/dia para 400 mil barris/dia as importações de petróleo — dos quais 150 mil barris/dia são refinados para a exportação —, o buraco em conta corrente é bem menor. O jornalista acredita nos US$ 4 bilhões anunciados pelo governo e diz que se não houvesse endurecimento ele seria facilmente tampado. "Mesmo assim o governo só não negociará a dívida se não quiser", diz Biondi, lembrando que a escala de um refinanciamento de US$ 2 bilhões — metade do buraco — é bem menor que a de US$ 6 bilhões, de 1983.

No quadro interno, ao contrário do arrocho salarial, a política hoje é a do gatilho que come o poder do salário médio real com velocidade bem menor em relação à semestralidade. Os preços descongelados, por sua vez, correram no início do ano na frente da renda, mas os juros reais e o controle monetário acabaram mostrando a realidade dos estoques, inibindo remarcações de preços muito elevadas. Resultado: a inflação subiu, mas ficou aquém da hiperimaginada. Com o segundo grande disparo do gatilho em março, para a maioria dos trabalhadores, o poder de compra se recompôs, embora parcialmente, na última sexta-feira quando os salários foram pagos. Biondi acredita, assim, numa reativação das vendas. "A sociedade criticou os juros elevados, a queda das vendas e a inércia do governo", lembra o jornalista, para concluir: "Não havia inércia, mas uma soma de fatores que, no momento, revelavam uma transição da economia".

Também o ex-ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, acertou. Em dezembro passado, em entrevista ao **JT**, ele não quis fazer previsões sobre o comportamento da inflação, mas em relação ao desempenho da economia ele previa um crescimento em torno de 4% para 1987. Para ele, o produto industrial não variaria e a economia chegaria a este crescimento em função da super-safra de grãos.

Novas apostas

As previsões pessimistas não se concretizaram até março, embora o próprio governo tenha superestimado suas expectativas, chegando a trabalhar com uma taxa de hiperinflação de 20% em fevereiro. Com juros altos e liquidez baixa, aumentou o número de concordatas e falências requeridas, caíram as vendas e se chegou ao equilíbrio entre a oferta e a demanda de mercadorias. "Estamos hoje no mesmo patamar de março do ano passado", afirma Antonio Carlos Borges, superintendente técnico da Federação do Comércio do Estado de São Paulo. Segundo estimativas da entidade, as vendas do comércio na Grande São Paulo caíram 3,2% no primeiro trimestre deste ano em relação ao mesmo período do ano passado.

Os técnicos da Federação trabalham com uma expectativa de crescimento de vendas de 3% neste ano — o que significa 3% sobre os 17% de aumento obtidos no ano passado. Trata-se, na verdade, de uma incógnita, pois esse desempenho dependerá de um afrouxamento da política monetária, com queda das taxas de juros e expansão da moeda em circulação. Ao que parece, o governo começou a praticar essa política na semana passada. Tudo dependerá da dosagem. Assim como um corte do excesso de consumo além dos níveis criados pelo Cruzado será recessivo, uma política monetária muito frouxa provocará a diparada maior da inflação.

Essa política sempre tem efeitos retardados no tempo, motivo pelo qual os técnicos da Secretaria da Fazenda de São Paulo estimam uma queda real na arrecadação do ICM em abril entre 5% e 10% em relação ao mesmo mês do ano passado. "A atividade da indústria foi boa em março porque houve reposição de estoques", acredita Clovis Panzarini, assessor técnico do secretário da Fazenda. Ou seja, produzir para armanezar não gera imposto e a indústria, que é responsável por 70% da arrecadação recolhe os recursos para os cofres do governo com no mínimo um mês de defasagem.

De qualquer forma, a discussão sobre a recessão já começa a mudar de eixo. A previsão está sendo substituída por debates sobre o conceito do termo. Para os comuns dos mortais, recessão é o crescimento negativo da economia, em outras palavras, é quando a atividade geral da economia fica menor num ano em relação ao anterior, gerando entre outros efeitos a perversidade do desemprego. Os economistas agora procuram uma nova definição. Mesmo um crescimento de 4%, ou seja, uma expansão insuficiente para absorver a mão-de-obra que entra anualmente no mercado de trabalho, poderia ser considerado como recessão. Para que isso ocorresse, o investimento deveria bater em 5%, gerando 1,5 milhão de empregos.

Vicente Dianezi Filho